

MULHERES NA LITERATURA: de personagens a escritoras

Tyron Fernandes Magalhães¹

Vinicius Novais G. de Andrade²

RESUMO: Estudos apontam a existência humana há cerca de 200.000 anos e a criação da escrita por volta de 5.000 anos. A capacidade de registrar os acontecimentos, desde então, proporciona o que se pode chamar de memória histórica. No entanto, a maioria desses registros apresenta apenas um dos lados da história, contado a partir de um viés patriarcal e machista, ocultando fatos importantes da sociedade que foram desenvolvidos por mulheres, sendo elas: guerreiras, pesquisadoras, cientistas, personagens da literatura e até mesmo escritoras. Assim, este estudo assumiu como objetivo a análise do trânsito das mulheres do lugar de personagens para o de autoras de literatura. Trata-se de um trabalho de revisão narrativa de literatura, utilizando livros e artigos sobre a temática. Com base nessa pesquisa, desenvolveram-se análises que compreendem as mulheres como oprimidas pelos seus familiares e conseqüentemente pela sociedade. Desse modo, sucumbiram seus nomes a pseudônimos para que seus feitos não fossem irrelevantes por serem mulheres e se iguallassem aos dos homens enquanto estivessem com seus nomes ocultos. Concluiu-se que toda essa memória velada demonstra que, mesmo com o passar dos anos, os discursos e o olhar sobre o gênero feminino permanecem conservador e caminha a passos lentos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Literatura; Feminismo; Escritoras.

ABSTRACT: Studies point to human existence for about 200,000 years and the creation of writing around 5,000 years. The ability to record events since then provides what we might call historical memory. It turns out that most of these records have only one side of the story, told from a patriarchal culture,

¹ Egresso do curso de Letras do Centro Universitário Alfredo Nasser – Unifan.

² Coordenador do curso de Psicologia da UNIFAN e docente da mesma instituição. Estágio Pós Doutoral pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás com período de Estágio Doutoral Sanduíche na Universidade do Porto – Portugal: viniciusnovais@unifan.edu.br.

concealing important facts of society that were developed by women, namely: warriors, researchers, scientists, characters from literature, and even some writers. Thus, this study took as objective, the analysis of women's transit from the place of characters to the of authors of literature. It works by a narrative literature review, using books and articles on the subject. From this research we developed analyzes that understand women as oppressed by their relatives and consequently by society, thus succumbing their names to pseudonyms so that their deeds were not irrelevant because they were women, and matched those of men while their names were hidden. We conclude that all this veiled memory demonstrates that even over the years, the discourses and the look on the female gender remain conservative and walk at a leisurely pace.

KEYWORDS: Women; Literature; Feminism; Writers.

Data de submissão: 07. SET. 2022.

Data de aprovação: 20. SET. 2022.

1 - INTRODUÇÃO

No livro *O Cânone Ocidental*, originalmente publicado em 1994, o crítico literário Harold Bloom lista cerca de novecentos autores considerados canônicos, sendo as mulheres pouco menos de uma centena. Dentre elas, está Emily Brontë, autora de *O Morro dos Ventos Uivantes*, e Virginia Woolf, de *Um Teto Todo Seu*. Apesar de importante, a lista feita por Bloom não deve ser analisada unicamente como a representação oficial das obras canônicas, mas sim como um dos guias ilustrativos e representativos do pensamento patriarcal de nossa sociedade moderna e ocidental.

O padrão romanesco da escrita literária foi associado por muito tempo ao modelo masculino patriarcal no desenvolvimento social do Ocidente. Woolf (2004) mostra que, com o passar do tempo, esse gênero³ passou a ser

³ A expressão relações de gênero, tal como vem sendo utilizada no campo das ciências sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista em que as categorias diferenciais de sexo não implicam no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como modeladora de mulheres e homens. Em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas

associado à escrita de autoria feminina⁴, dando importância as produções literárias primeiramente anglo-americanas.

Pensando no viés romântico e social da época de 1790, a autora pontua sobre a condição de escreverem esse gênero, por elas serem parte da classe média e ter de escrever em um ambiente de comum acesso a toda a família, porque “[...] as mulheres nunca dispõem de meia hora...que possam chamar de sua”, sendo constantemente interrompidas. Com isso, “[...] seria mais fácil escrever ali prosa e ficção do que poesia ou uma peça. Exige-se menos concentração” (WOOLF, 2004, p. 66).

Os textos científicos eram proibidos e se fez restrita a possibilidade de escrita das mulheres aos diários e cartas, seguidamente de romances e poesias e, futuramente, o acesso a depósitos de arquivos privados para proibir os estudos. As mulheres do Ocidente se fizeram presentes no âmbito público a partir do século XX, decorrente da Revolução Industrial, principalmente no mundo do trabalho. Mesmo que já viessem reivindicando o direito de voto, direitos trabalhistas, entre outros, apenas nesse século começou-se a desenvolver a Revolução Feminista.

Essa transformação foi acompanhada por vários estudos iniciados por Freud, visando entender e determinar o sujeito feminino e como e por que esse sujeito se diferencia do masculino. No entanto, os mesmos estudos desvencilharam a criação de um mito da diferença psicológica e biológica da inferioridade feminina.

Entendendo sobre a importância da presença das mulheres na cena da autoria literária, este estudo assume como objetivo a análise do processo de trânsito das mulheres do lugar de personagens ao de escritoras de romances.

2 – PERSONAGENS FEMININOS

estruturas de poder. O uso da categoria gênero, nesse sentido, alertaria para os riscos de se tomar como produto da natureza relações inscritas na ordem social. Categoria relacional, por excelência, o gênero teria um estatuto semelhante à categoria classe (MORAES, p.100, 2013).

⁴ O feminismo contemporâneo impulsionou o que poderíamos chamar de uma perspectiva feminista de análise que, especialmente em sua vertente marxista, ajudou a entender as complexas dimensões de um mundo em que a distribuição do poder obedece a hierarquias sexuais e de classe social. No entanto, o uso da categoria gênero é problemático na medida em que não existe uma teoria feminista do mesmo alcance que o marxismo. O gênero é uma categoria analítica cuja sustentação teórica excede os limites do feminismo (MORAES, 2013 p.100).

2.1 - MEDUSA – TEOGONIA (XVII a.C)

Bela, desejada, abusada e injustiçada. Medusa se faz presente na obra *Teogonia: a origem dos deuses* de Hesíodo no século XVIII a.C. e é uma das diversas personagens mulheres que foram retratadas durante todo o período literário e social, como a vilã da história. Nasceu com uma beleza extraordinária e devido à sua grande admiração por Atena (deusa da sabedoria), optou por ser sacerdotisa em seu templo, na condição de permanecer virgem.

Vários fiéis passaram a frequentar o templo da deusa para admirar a beleza de Medusa, entre eles Poseidon (deus dos mares), o qual vivia uma relação conturbada com Atena. Faziam o que lhes era possível para atingir um ao outro e ele sabia que seria completamente ofensivo se deitar com a mais devota sacerdotisa (KONRAD, 2017).

Mesmo após ser rejeitado em diversas abordagens, Poseidon, para irritar Atena, possuiu Medusa à força, estuprando-a em frente à estátua da deusa. Atena surge enfurecida e por acreditar ser um ato de “natureza masculina” a castiga cruelmente. Transformou os cabelos da ex-sacerdotisa em cobras e a amaldiçoou, na circunstância de que quem a olhasse nos olhos seria transformado em pedra imediatamente. Logo mais, Medusa foi tratada como um desafio e caçada por guerreiros que buscavam a honra em matá-la. Foi morta por Perseu e teve sua cabeça cortada do corpo, sendo utilizada após a morte como instrumento de guerra por Atena (KONRAD, 2017).

O sujeito feminino enquanto todo contexto literário era conhecido sob a ótica do pensamento masculino, o qual era representado por discursos que diziam o que elas poderiam ou não ser, dizer e fazer. Assim, os autores masculinos conseguiram guardar e registrar suas memórias com o próprio olhar e não de outros.

Essa cultura masculinizada perdura ao longo dos séculos e apenas após as pesquisas e estudos teóricos do feminismo e, particularmente do estudo de gênero, que se pôde identificar e condicionar a voz feminina que fora silenciada ao longo das gerações, concebendo novas perspectiva da história.

2.2 - PENÉLOPE – ODISSEIA (XVII a.C.)

Na mitologia grega presente na obra *Odisseia*, de Homero, datada do fim do século VIII a.C., Penélope é narrada como filha de Icário e Periboea. Seu pai não permitia que ninguém se casasse com ela, com exceção de alguém conseguir vencê-lo em uma corrida, já que era um corredor campeão. Ulisses o fez e casou-se com Penélope. Depois de casados, Icário tentou convencer Ulisses a continuar em Esparta, dizendo à filha para escolher entre ele ou o marido. Ela então respondeu apenas cobrindo o rosto com um véu, dando a entender que sua vontade era sair do Odisseu (LEITE, 2009).

Ela teve um único filho, Telêmaco, nascido pouco antes de o marido ser chamado para lutar na Guerra de Troia. Dez anos se passaram e não recebeu notícias de que Ulisses estaria vivo ou morto, sendo assim, o pai sugeriu que se casasse novamente.

Penélope era muito fiel, recusou-se e disse esperar a volta dele, mas o pai persistiu na ideia e para não desapontá-lo aceitou, na condição de que finalizasse e tecesse um sudário para Laerte, pai de Ulisses, planejando adiar o casamento o máximo que pudesse. Durante o dia tecia aos olhos de todos e à noite desmanchava secretamente todo o trabalho, até uma de suas servas descobrir e revelar a verdade.

A literatura mítica resguardou em si o relato de sociedades estruturadas segundo uma perspectiva patrilinear, fato que configurou na maioria das obras, um posto de coadjuvante ao feminino, como dito anteriormente, tratado como algo desconhecido, perigoso ou simplesmente sem grande função (LEITE, 2009, p.5)

A autora Maria do Rosário da Silva Leite (2009), ressalva em um de seus textos a história de Penélope, apresentando e contestando a disposição dos mitos gregos, expondo sua estrutura social e as relações de poder e trazendo à tona a situação das servas, a omissão e o silenciamento das mulheres e a exaltação dos heróis.

A metáfora do tear, essa arte historicamente tão ligada ao universo feminino, do criar e recriar a trama que dá forma ao que é tecido reconhecemos, a manipulação e entrelaçamento dos fios do destino, o que em Penélope torna-se prova da engenhosidade e um prolongamento de sua personalidade (LEITE, 2009, p.4).

Penélope propôs então outra condição ao pai, casar-se com o homem que conseguisse encordoar o arco de Ulisses, sabendo a dureza dele, seria

uma tarefa praticamente impossível. Apenas um humilde camponês conseguiu realizar o feito, revelando-se depois o próprio Ulisses, que estava disfarçado após seu retorno.

De acordo com o que nos foi legado da tradição grega, em especial por sua literatura, a respeito da condição da mulher. Estas estavam condicionadas a reclusão do oikos, as atividades da tecelagem e a maternidade e, nas obras fundadoras atribuídas a Homero, em especial na Odisseia, encontramos as figuras do feminino em papel secundário e auxiliar do herói. [...] Assim, consagradas na literatura pela imagem do eterno feminino, conduta especular que emerge por meio da “nova” ordem produzida pelo discurso falocrático que se apropriou e adaptou os mitos tradicionais, deslocando o feminino do palco para a coxia (LEITE, 2009, p.3).

A personagem foi sábia e perspicaz ao tentar se livrar de duas situações que interferiam diretamente em sua vida, pensando além do que era ensinado, mostrando ser resistente às condições e à frente do seu tempo.

2.3 - SHERAZADE – MIL E UMA NOITES (Séc. IX)

No conto *A Primeira Jovem, a Dona da Casa* do *Livro das Mil e Uma Noites*, de Mamede Mustafá Jarouche, datado do século IX, refere-se às noites 63^a a 66^a. Nele é narrada a história pela personagem Sherazade, cujo enredo se inicia com indícios da noite anterior.

A autora Kelly Aguiar da Silva (SILVA, 2005) analisa e discorre em seu texto sobre o poder narrativo da história do Sultão Shariar, que descobre a traição de sua mulher e então declara seu ódio às mulheres matando-a. Decide que mataria ao menos mil outras, no intuito de se vingar e de nunca mais ser traído, matando seus cônjuges no dia seguinte após a noite de núpcias.

A filha do Gran Vizir (conselheiro e braço direito do rei) delibera acabar com a situação, mesmo seu pai não concordando com a escolha. Armando um plano com sua irmã Dinazade, ele pede ao sultão que permita a irmã dormir no quarto com eles, para que ela pudesse aproveitar sua última noite de vida. A irmã acorda Sherazade pouco antes do amanhecer e pede para que conte uma de suas histórias.

Sherazade narra a *História do mercador e do gênio* e interrompe o relato, afirmando continuar na noite seguinte. Fascinado com o conto, Shariar resolve não matá-la a fim de descobrir a continuação da história. Repetindo a

estratégia, ela consegue sobreviver noite após noite, contando sobre diversos temas. Nesse intervalo teve três filhos com o sultão e suplica por sua vida e que a poupe por amor às crianças.

O rei demonstra-se arrependido de seus atos e, convencido da dignidade de sua esposa, perdoa-lhe a vida e a torna sua rainha definitiva, dando-lhe, enfim, a conquista da batalha devido às suas narrativas, conforme enfatizado a seguir.

As narrativas das “Mil e Uma Noites” são marcadas por estabelecer uma profunda ligação com o viés crítico do discurso feminino e pela transcrição de fatos específicos do contexto social. Assim, é perceptível a transversalidade contida nos textos da personagem. Tal critério se observa de várias maneiras, sobremaneira pelo fascínio da arte de narrar de Sherazade e de sua sabedoria em lidar com as palavras (SILVA, 2005, p.63).

Têm-se aqui mais uma personagem com astúcia, que conseguiu se livrar dos ensinamentos e tradições sociais que eram pregados, sustentando a característica de ser à frente do seu tempo.

2.4 - CATHERINE – O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (1848)

Em uma breve análise feita por Michelle Braz Nogueira (2011) sobre o livro *O Morro dos Ventos Uivantes*, da escritora Emily Brontë, publicado em 1848, ressalva-se os principais aspectos feministas e apresentam-se fragmentos da história original, justificando os meios de sua pesquisa.

A narração feita pelo Sr. Lockwood, descreve uma história de vingança, amor e ódio. Heathcliff é um garoto de rua que é adotado por Earnshaw, patriarca da família. Earnshaw tem dois filhos, Hindley e Catherine. Catherine se torna amiga de Heathcliff, despertando tempos depois uma grande paixão.

Hindley rebaixa Heathcliff a empregado após o falecimento seu pai. Catherine diz a Nelly que não se casaria com ele por ele ser pobre, mesmo o amando. Ele então foge. Catherine se casa com Edgar Linton, um rapaz que pertencia à mesma classe social que a sua. Heathcliff volta para se vingar e casa-se com Isabella, irmã de Linton, com quem tem um filho.

Catherine morre após dar a luz à Cathy. Passam anos e Cathy cresce aos cuidados do pai e Nelly, que fazem com que a pequena não saiba da existência de Heathcliff, mas acaba o conhecendo por acaso e ele a obriga a se casar com seu filho (NOGUEIRA, 2011).

Seu pai e marido morrem e a fortuna então passa a ser de Heathcliff. Cathy desenvolve uma relação amigável com seu primo Hareton, que é o filho de Hindley, tomando conta das finanças. Após a morte de Heathcliff, casa-se com o primo, mudando a história para que não acontecer o mesmo de sua mãe.

Apesar de Heathcliff ser o protagonista, são as personagens femininas que se destacam por serem fortes e corajosas, apresentando uma nova característica do século seguinte (XIX). São elas: Catherine Earnshaw, Cathy, Linton e Nelly Dean.

Observa-se a coragem que a menina tem pra resistir à força de Heathcliff, mais uma característica, que se pode até comparar com a persistência das operárias americanas do século XIX, que lutaram exigindo melhores condições de trabalho e um salário digno. Deixando explícito que as mulheres tinham força suficiente pra combater as injustiças e preconceitos ao sexo feminino (NOGUEIRA, 2011, p.16).

A personagem Catherine, conseguiu quebrar as barreiras que eram retratadas em sua sociedade fictícia e na da época em que a obra fora publicada, assegurando não somente as suas características próprias, mas também da autora responsável por ela.

2.5 - MINERVA MCGONAGALL – HARRY POTTER (1997)

J.K. Rowling publicou *Harry Potter e a Pedra Filosofal* em 1997, na Grã-Bretanha. Logo nas primeiras páginas do livro conhecemos a prof.^a Minerva, que juntamente ao prof.^o Dumbledore entregam o filho dos Potter para os tios trouxas (humanos que nascem sem poderes bruxos).

Um detalhe interessante que observamos durante toda a saga, é que os personagens masculinos, sempre possuem uma forte personagem feminina ao seu lado, sejam eles vilões ou heróis. (SILVA; NETO, 2015, p.30)

O relacionamento entre bruxos e trouxas não era aceito pela maioria dos bruxos, por colocar em risco a exposição do mundo mágico para o mundo dos trouxas.

Os famosos Julgamentos das Bruxas de Salem de 1692-93 foram uma tragédia para a comunidade bruxa. [...] Vários mortos eram de fato bruxos, embora totalmente inocentes dos crimes pelos quais haviam sido presos. Outros eram meramente não mágicos (trouxas) que tiveram o infortúnio de serem apanhados na histeria geral e na sede de sangue (ROWLING, 2016).

A bruxa Isobel Ross, por estar muito apaixonada, abriu mão de sua varinha e magia, fugiu de casa para se casar com o não bruxo Robert McGonagall e juntos tiveram a primeira filha, Minerva McGonagall.

Nascida em quatro de outubro de 1935 na Escócia, desde muito cedo ela demonstrou habilidade mágicas que foram encobertas pela mãe, para que o pai não descobrisse sobre a existência da mágica, o que até então tinha dado certo. No entanto, com o passar do tempo e mesmo com receio, Isobel teve que revelar o segredo, acarretando assim na quebra de confiança entre o casal, mas ainda permaneceram com o amor.

Tiveram mais dois filhos e Minerva era responsável por cuidar dos dois, até que aos onze anos recebeu a carta de convite para ingressar na escola de magia e bruxaria de Hogwarts e deixou sua família para trás. Foi destaque em todos os as matérias de estudo, sendo transfiguração (habilidade rara e ardorosa em se transformar em um animal) a de maior sucesso (ROWLING, 2015).

Anos mais tarde, Minerva se apaixonou por Dougal McGregor, filho de um fazendeiro que também era trouxa, vendo a história de sua mãe se repetindo e tendo que escolher entre o amor e a magia. Mesmo perdidamente apaixonada por ele, recusou o pedido de casamento e optou guardar as cartas de amor em uma caixinha ao invés de sua varinha.

Ela trabalhou no ministério da magia e depois optou por ser professora na mesma escola em que estudou. Um dia, chorando por amor e pelas consequências de sua escolha, desabafou e trocou confidências com o professor e diretor Dumbledore, dando início a uma intensa e verdadeira amizade.

Soube que Dougal tinha falecido e ficou muito triste, contudo, seu antigo chefe no ministério Elphinstone Urquart, que era apaixonado por ela, pediu-a em casamento. Depois de muita insistência ela aceitou, mas decidiu não trocar de sobrenome. Três anos após o casamento, ele faleceu após o ataque de tentácula venenosa, uma planta mágica venenosa. Ela então assumiu a diretoria de Hogwarts após o assassinato de Dumbledore e organizou a liderança de proteção da escola durante a Segunda Guerra Bruxa.

Quando fazemos uma comparação dos homens com as mulheres no decorrer da história, fica nítida a preferência da autora em privilegiar as mulheres. Não podemos deixar de lado o fato que os três bruxos

mais poderosos de todos os tempos aparecem na série como homens, são eles: Albus Dumbledore, Tom Riddle (mais conhecido como Lorde Voldemort, o vilão da série), e o próprio Harry Potter, porém, as qualidades que os tornam tão poderosos, é quase equivalente aos erros que cometeram. [...] Agora, quando as personagens Lilian Potter, Minerva McGonagall, Gina Weasley, Hermione Granger, Luna Lovegood aparecem na narrativa, a autora mostra exemplo de força, coragem e determinação e, mesmo essas personagens não sendo as mais poderosas da série, a autora deixa evidente na narrativa que elas são completamente capazes de fazer o que Dumbledore, Voldemort e Harry fazem (SILVA, NETO, 2015, p. 30).

Podemos perceber que os diálogos entre literatura e gênero são vistos de diversas maneiras e, independentemente se seus estudos são acadêmicos ou sociais, eles geram questionamentos e infinitas possibilidades de significância e significado para os leitores, influenciando as inúmeras gerações.

Graças à resistência e insistência de diversas autoras em publicar suas obras com pseudônimos ou com o próprio nome, atualmente muitas outras conseguem ter uma visibilidade maior do que as do passado.

3 – AUTORAS E SUAS OBRAS

Enheduanna, filha suméria do rei Sargon de Acádia (atual localização do Iraque e Kuwait), sacerdotisa do deus da lua (Nana), foi também a primeira mulher conhecida historicamente a ter um título de grande importância política. Ela escavou em tábuas cuneiformes seus hinos e poesias, sendo os mais conhecidos como “Os Hinos Sumérios do Templo”, datados em 2000-1800 a.C.

Em algumas obras da literatura, as personagens femininas são retratadas como à frente do seu tempo, fortes, determinadas e independentes, mas acabam sofrendo e/ou morrendo em decorrência das ações dos homens e da sociedade. *Iracema* de José de Alencar é um desses exemplos, assim como a Medusa, inicialmente relatada em *Teogonia* de Hesíodo.

Virgínia Woolf escreveu em *Um Teto Todo Seu* (1929) sobre o lugar da mulher na literatura de ficção, analisando a condição e a limitação social das mulheres da (im)possibilidade de se tornarem escritoras, em razão, primeiramente, do acesso aos livros, bibliotecas, lápis e papel, que eram restritos, tendo que alternar a escrita com os afazeres domésticos.

Pois as mulheres permaneceram dentro de casa por milhões de anos, então a essa altura até as palavras estão impregnadas com sua força criativa, que de fato deve ter sobrecarregado tanto a capacidade dos tijolos e da argamassa que precisa se atrelar a penas, pincéis,

negócios, e política. Mas esse poder criativo difere muito do poder criativo do homem. E qualquer um concluiria que seria mil vezes uma pena se isso fosse retardado ou desperdiçado, pois foi conquistado em séculos da mais dramática disciplina, e não há nada que possa tomar o seu lugar. Seria mil vezes uma pena se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como eles, ou se parecessem com eles, pois se dois sexos é bastante inadequado, considerando a vastidão e a variedade do mundo, como faríamos com apenas um? (WOOLF, 2014, p.116).

Em 1792, a escritora Mary Wollstonecraft auxiliou no início dos protestos feministas em Londres, exigindo justiça e inclusão social para participação das mulheres no papel de cidadãs pela Constituição Francesa, que havia sido publicada recentemente. Suas ideias ajudaram a enfrentar os pensamentos do filósofo Jean-Jaques Rousseau e do poeta Alexander Pope, que descreviam um lugar socialmente inferior para as mulheres. De acordo com a autora:

Começarei com Rousseau e darei um esboço do caráter da mulher nas palavras dele, intercalando comentários e reflexões. Ele, então, passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer-se agradável a seu mestre – sendo este o grande fim de sua existência. Contudo, para dar certa aparência de dignidade à luxúria, ele insiste que o homem não deveria exercer sua força, mas depender da vontade da mulher, quando busca o prazer com ela (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 107).

É preciso ter prudência ao evidenciar que as observações de Rousseau foram feitas sobre sua perspectiva francesa, onde a arte de agradar foi lapidada para tirar o fundamento do vício masculino e patriarcal. As mulheres deveriam obedecer às ordens dos homens e manter uma natureza serena, aprendendo a ceder às dores e injustiças sem poder reclamar.

Na França, meninos e meninas, particularmente as últimas, são educados apenas para agradar, para ocupar-se de si mesmos e regular sua conduta exterior; e a mente deles é corrompida, desde a mais tenra idade, pelas advertências piedosas e mundanas que recebem para resguardá-los da falta de modéstia. Falo de tempos passados. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 110)

Prosseguindo com o discurso de Rousseau, citado no texto de Wollstonecraft (2016, p.112):

Resulta, dessa habitual moderação uma docilidade que as mulheres necessitam durante toda sua vida, já que permanecem constantemente sob a sujeição aos homens ou às opiniões da humanidade; e nunca lhes é permitido situar-se acima dessas opiniões. A primeira e mais importante qualificação em uma mulher é uma boa natureza ou a suavidade de caráter: formada para obedecer a um ser tão imperfeito como o homem, frequentemente cheio de vícios e imperfeições, ela deve aprender cedo até mesmo a sofrer injustiças e suportar os insultos de um marido sem se queixar; não

em consideração a ele, mas a si própria, ela deve ter um temperamento aprazível. A perversidade e a malícia das mulheres servem somente para agravar seu próprio infortúnio e a má conduta do marido; elas devem perceber claramente que essas não são as armas por meio das quais ganham a superioridade.

A autora ironiza esse trecho, quando ressalta a convivência com um ser imperfeito como o homem, dizendo que as mulheres devem aprender a administrar sua paciência. Além disso, ela ressalva que todos os direitos da humanidade são violados ao persistirem nessa obediência, os direitos continuaram pertencendo aos homens por muito tempo, conforme argumentado por Wollstonecraft.

Que ele descanse em paz! Não luto contra suas cinzas, mas contra suas opiniões. Luto somente contra a sensibilidade que o levou a degradar a mulher, fazendo-a escrava do amor (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 120).

Seguindo o mesmo pensamento, a autora afirma também que não é por ser mulher que deve obrigatoriamente seguir os padrões preestabelecidos pela sociedade acerca do que é ser mulher e se esconder de quem realmente é, negando seus princípios e intuições.

Quando uma mulher tem juízo suficiente para não fingir o que não entende, não há necessidade de decidir esconder seus talentos. Deixemos que as coisas tomem seu curso natural, e tudo irá bem. [...] Esse desejo de ser sempre mulher é a mesma consciência que degrada o sexo (WOLLSTONECRAFT, 2016, p128).

No quadro abaixo, é possível citar algumas mulheres que figuraram/figuram na história da humanidade como importantes autoras e suas primeiras publicações oficiais.

AUTORA	OBRA	ANO
ENHEDUANNA	OS HINOS SUMÉRIOS DO TEMPLO	2000-1800 a.C.
MURASAKI SHIBIKU	A HISTÓRIA DOS GENJI	1000-1012
MARY SHELLEY	FRANKENSTEIN	1818
CECÍLIA MEIRELES	ESPECTROS	1919
LYGIA FAGUNDES	PORÃO E SOBRADO	1938
CLARICE LISPECTOR	PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM	1943
CORA CORALINA	POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS	1965
MARINA COLASANTI	EU SOZINHA	1968
RUTH ROCHA	PALAVRAS MUITAS PALAVRAS	1976
NORA ROBERTS	CORAÇÕES IRLANDESES	1980
ALICE WALKER	A COR PÚRPURA	1982

ISABEL ALLENDE	A CASA DOS ESPÍRITOS	1982
MARTHA MEDEIROS	STRIP-TEASE	1985

4 – AUTORAS E SEUS PSEUDÔNIMOS

Algumas autoras precisaram usar pseudônimos para que pudessem viver a experiência da autoria, ou seja, para fugir dos estereótipos enraizados e se autorizarem a tal responsabilidade. George Sand e George Eliot eram Amandine Dupin e Mary Ann Evans, respectivamente, escritoras francesa e inglesa. Elas foram consideradas donas das melhores obras literárias, constituindo uma responsabilidade histórica e abrindo novas possibilidades para outras escritoras.

A poesia e o romance constituem a partir do século XVII a frente pioneira das Preciosas, conscientes do desafio que a linguagem representa. A partir de então não se trata tanto de escrever como de publicar, e sob o seu próprio nome. O uso do anonimato ou de pseudônimos confunde as pistas, encobrindo também a poeira de obras cuja mediocridade e redundância moral levantam a questão dos constrangimentos que a virtude impõe à expressão. Sem dúvida, escrever é, em si, suficientemente subversivo para que se não possa ousar a contestação ou a audácia formal (DUBY; PERROT, 1990, p. 11).

É válido ressaltar que, mesmo a passos curtos, essas autoras representaram e desafiaram o meio social do qual pertenciam, aprimorando e demonstrando serem tão boas quanto os escritores reconhecidos.

Algumas autoras que usaram os pseudônimos com artifício para a escrita foram:

AUTORA	PSEUDÔNIMO
ALICE BRADLEY SHELDON	JAMES TIPTREE JR
AS IRMÃS BRONTË	CURRER, ELLIS E ACTON BELL
AUORE DUPIN	GEORGE SAND
CHRISTINA LYNCH E MEG HOWREY	MAGNUS FLYTE
EUGÈNE-CAROLINE SAFFRAY	RAOUL DE NAVERY
JANE AUSTEN	UMA SENHORA
JOANNE ROWLING	J. K. ROWLING / ROBERT GALBRAITH
JUNE TARPÉ MILLS	TARPÉ
KAREN BLIXEN	ISAK DINESEN
MARY ANN EVANS	GEORGE ELIOT
NAIR DE TEFÉ	RIAN
NELLE HARPER LEE	HARPER LEE
VICTOIRE L. BERÁ	ANDRÉ LÉO
VIOLET PAGET	VERNON LEE

Maria Firmina dos Reis, autora brasileira do romance *Úrsula* (1859), foi considerada por alguns historiadores como o primeiro romance abolicionista da literatura nacional, assinando a obra apenas como “um maranhense”. Ela deixou sua marca na literatura nacional, reafirmando que mesmo com o passar do tempo o preconceito continuou enraizado no meio social e literário.

Não há como mudar o passado ou simplesmente dizer que o que essas escritoras fizeram não foi o suficiente para deixarem suas marcas e serem lembradas. É o exercício dessa luta que hoje nos traz resultados superiores ao que elas poderiam imaginar.

Em 1990, Joanne Rowling teve a ideia de escrever uma história enquanto fazia uma viagem de trem e, devido a alguns problemas pessoais, como a morte de sua mãe, o nascimento de sua filha, o divórcio com seu primeiro marido e uma crise financeira, apenas em 1997 conseguiu finalizar o primeiro livro que mais tarde seria uma série de sete.

Harry Potter e a Pedra Filosofal foi publicado sob o pseudônimo de J.K. Rowling (a letra “K” se refere a Kathleen, sua avó), por sugestão da editora Bloomsbury (que pagou £2,5 mil), a fim de ocultar o primeiro nome da autora, já que temiam que um livro escrito por uma mulher não interessasse os garotos.

Em razão do grande sucesso e repercussão, os direitos da obra foram comprados por U\$\$ 2 milhões em 1999, para uma adaptação, que chegou aos cinemas em 2001 e arrecadou cerca de U\$\$ 975 milhões de bilheteria em todo o mundo, sendo posteriormente indicado ao Oscar.

Para *O Chamado do Cuco* (2013), Rowling utilizou o pseudônimo masculino Robert Galbraith. A obra recebeu críticas positivas, levantando suspeitas de não se tratar de um novo autor, sendo revelada mais tarde a verdadeira autoria. J.K. Rowling atualmente é a escritora mais bem paga do mundo, acumulando cerca de R\$2,5 bilhões (FORBES, 2018) e diz não querer alterar o pseudônimo de suas obras, para comprovar e reafirmar os valores preconceituosos histórico-sociais que ainda permanecem na sociedade.

5- MULHERES NA PSICOLOGIA

Há uma necessidade reflexiva acerca do “ser mulher” em questões ao passado, para compreendermos os problemas e interpretar a vivência em sociedade atual. O preconceito em relação ao gênero feminino está diretamente atrelado aos acontecimentos, fatos e narrativas herdadas de uma cultura patriarcal e machista, sustentados por discursos sociais e políticos, que implicaram e implicam na participação da mulher como cidadã.

Antes da elaboração da Constituição Cidadã de 1988, não se ouvia, lia ou sequer discutia a respeito da perspectiva de gênero, inferindo posteriormente na mesma, a garantia aos direitos fundamentais, que consolidou a relevância do tema. Segundo CURADO (2021), conforme citado SCOTT (2007):

A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos. (SCOTT, 2007, p.19).

A falta de oportunidade e reconhecimento para mulheres é constatada, vem sendo discutida e relacionada quase que exclusivamente à coletivização do viver, permanecendo associada às áreas de educação, saúde, família e relações de poder. Assim como as mulheres, outros diversos grupos também foram apagados da história por sua classe social, etnicidade e raça, resultante de discursos orais e registros físicos provindos de grupos cisheteronormativos, que tinham o androcentrismo como único modelo de representação coletiva.

Alguns autores pontuam a questão de gênero estar relacionada ao mercado de trabalho, por mulheres estarem habitualmente relacionadas aos sentimentos e emoções, enquanto os homens, atividades práticas e racionais. Ao diversificarmos o objeto de estudo histórico, excluimos as diferenças dentro das diferenças, como exemplo as mulheres negras, indígenas, pobres, silenciando seus desejos, sofrimentos e longevidades. Isso porque o ensino da psicologia, conforme CURADO (2021) citando BORGES (2013), “ainda se concentra em uma visão normativa de identidades”, com objetividade do conhecimento enquanto gênero e sexualidade, em sua formação e produção.

Em uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia em 2013, discorrida na obra *Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes*

mulheres, reconhece que 89% dos atuantes da área são mulheres, cuja análise dimensiona o subjetivismo da profissão, se o feminino pode influenciar no exercício da mesma e visa também, reduzir as desigualdades sexistas no mundo do trabalho, consolidando-as proporcionalmente nos cargos de liderança.

Uma participante desta pesquisa afirmou que a psicologia ser composta em sua maioria por mulheres, deve-se em parte a uma ação cultural, psicológica e educacional, por serem relacionadas à figura materna. Outra, afirma que se tratando de um ponto de vista honorário, os homens são mais efetivos quanto às profissões por serem competitivos. Abrindo possibilidades para a discussão do tema de interesse dos entrevistadores, outra participante se diz incomodada com a universalização dos gêneros, pontuando indiretamente as características estereotipadas que definem a aparência social de uma psicóloga.

Levando em consideração as respostas das participantes, é notável a singularidade dos argumentos de acordo com a vivência profissional e social, acerca da reflexão histórica machista que ainda permanece entrelaçada no cotidiano e que caminha para o desvencilho a passos lentos.

A distribuição proporcional do feminino é um trabalho em progresso e pode avançar ainda mais dentro e fora da psicologia. Segundo SCAVONE (2008), conforme citado por FERREIRA (2018):

O feminismo é dividido em três grandes fases: a primeira, de caráter universalista ou igualitário, movida pela luta da igualdade de direitos civis, políticos e sociais; a segunda, de caráter diferencialista ou essencialista, cuja pauta foi marcada pela afirmação das diferenças e identidades; a terceira, desconstrucionista, apoiada nas teorias de sujeitos múltiplos e/ou nômades. (FERREIRA, p.1441, 2018).

O passado e o presente podem relacionar-se com intervenções no diálogo, participações de temas e mulheres além do mundo acadêmico, debates públicos, práticas discursivas, e através da ampliação no espaço de discussão de gênero, sensibilizar a invisibilidade que persiste sob os grupos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho assumiu como objetivo de pesquisa a análise do trânsito das mulheres do lugar de personagens para o de autoras de literatura. Concluiu-se que os registros históricos apresentam o ponto de vista patriarcal e machista, deixando de lado fatos que foram marcados por mulheres que, mesmo após sofrerem opressão e até mesmo morrerem na busca por direitos iguais, conseguiram deixar seu legado após adotarem medidas consideradas a frente do seu tempo.

Ocultar o nome nos registros escritos foi essencial para mostrarem que elas tinham vez e, assim como os homens, tinham capacidade de realizar atividades consideradas exclusivamente masculinas.

Concluiu-se também que o caminho percorrido por essas mulheres evidencia que, mesmo após muito tempo, pouco mudou, mas, ao menos atualmente é possível discutir sobre o assunto, refletir sobre o passado e tentar melhorar o futuro.

As informações contidas nesta pesquisa evidenciam o sofrimento e o desenvolvimento das mulheres, desde personagens de histórias escritas por homens até as escritoras de sucesso.

É de suma importância instigar os leitores e estudantes a buscarem os diversos e melhores conhecimentos, para que possam julgar e escolher as informações, conseguindo, assim, no processo de construção dos pensamentos, atrair atitudes mais justas para uma nova perspectiva sociocultural.

7 - REFERÊNCIAS

COSTA, Camila. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC News** – Brasil, 15 de abril de 2018. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>>. Acesso em: 7 de setembro de 2019

Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia: Uma profissão de muitas e diferentes mulheres.* / **Conselho Federal de Psicologia.** – Brasília: CFP, 2013.

CURADO, J. C, & Jacó-Vilela, A. M. (2021). Estudos de gênero na psicologia (1980-2016): **Aproximações e distanciamentos.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219132>

FERREIRA DA SILVA, Juliana. Dias Albuquerque, Letícia, Matias Santos, Marcela, Almeida da Costa de Oliveira, Milena. Diálogos com o Feminino: pelas ondas do rádio mulheres que fazem psicologia para mulheres. Estudos e

Pesquisas em Psicologia [en linea]. 2018, 18(4), 1437-1449[fecha de Consulta 9 de Enero de 2022]. ISSN:. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451859498021>

Os Autores Mais Bem Pagos Do Mundo em 2018, **Forbes**, 13 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://forbes.com.br/listas/2018/12/os-autores-mais-bem-pagos-do-mundo-em-2018/>>. Acesso em: 17 de agosto de 2019

KONRAD, Márcia Regina. Medusa e a questão de gênero ou a punição por ser mulher. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, ano 7, número 25, fevereiro de 2017.

LEITE, Maria do Rosário Silva; SCHNEIDER, Liane. A voz feminina: revisando a épica pelo gênero. In: II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais, 2009, João Pessoa. **Anais II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2009. v. 1.

MEDEIROS, Maíra. “Por que Mulher Não Aparece nos Livros de História?”. **YouTube**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6PKahBL2E6g>>. Acesso em: 18 de março de 2017.

MORAES, Maria Lygia Q. D. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 99-105, 1º jan. 2013.

NOGUEIRA, Michelle Braz; CASTRO, Laura Miranda. **O Feminismo na Obra “O Morro dos Ventos Uivantes” de Emily Brontë**. Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade federal do Amazonas- IEAA/UFAM, 2011.

ROWLING, J.K. **Wizards World - Professor McGonagall – Writing by J.K. Rowling - Professor McGonagall**. 2015. Disponível em: <<https://www.wizardingworld.com/writing-by-jk-rowling/professor-mcgonagall>>. Acesso em: 24 de outubro de 2019.

ROWLING, J.K. **Wizards World – Writing by J.K. Rowling – Seventeenth Century and Beyond**. 2016. Disponível em: <<https://www.wizardingworld.com/writing-by-jk-rowling/seventeenth-century-and-beyond-en>>. Acesso em: 24 de outubro de 2019.

SCAVONE, L. (2008). Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. **Revista Estudos Feministas**, (16)1, 173-186. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200800018>

SCOTT, J. W. (2007). Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, (3), 11-27. (Trabalho original publicado em 1995). <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>

SILVA, Arielle Farnezi; NETO, Olávio Bento Costa. Uma Análise da Representação Feminina e as Referências Culturais na Saga Harry Potter:

quando até mesmo a magia dialoga com a realidade. **III Seminário de História e Cultura: Gênero e Historiografia**, da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica, 2015.

SILVA, Kelly Aguiar da. **Sherazade**: a linguagem e o poder do discurso narrativo no conto “A Primeira Jovem, a Dona da Casa” do “Livro das Mil e Uma Noites” (uma adaptação de Mamede Mustafá Jarouche). Brasília: Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2005.

VASCONCELOS, Michelle. **Sobre a história da literatura e o silenciamento feminino: questões de crítica literária e de gênero**. Rio Grande: Historiæ, 2015.

VASCONCELOS, Michelle. **Escrever como homem ou escrever como mulher? Relações entre autoria feminina e cânone literário**. 2011. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1450120827_ARQUIVO_ESCREVERCOMOHOMEMOUESCREVERCOMOMULHER\(texto\).pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1450120827_ARQUIVO_ESCREVERCOMOHOMEMOUESCREVERCOMOMULHER(texto).pdf)> Acesso em: 17 de agosto de 2019.

VILELA, Ana Luisa; SILVA, Fabio Mario da; DAL FARRA, Maria Lucia. **O Feminino e o Moderno**. Lisboa, Editora Clepul, 2017.

WOLLFSTONECRAFT, Mary. **Reinvindicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.